

O FENÔMENO SEMÂNTICO DA POLISSEMIA ABORDADO POR UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Cristina Ruas de Abreu Maia (Unimontes)
mariacristinaruasabreumaia@hotmail.com
Maria Rita Francisca Lima (Unimontes)
mariaritafranciscalima@gmail.com
Livia Oliveira Biscotto (Unimontes)
livia.easyway@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que propõe analisar o fenômeno da polissemia em um material didático específico produzido para o 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo geral é descrever a maneira como a polissemia é tratada em um livro didático destinado a esse nível de ensino. Os objetivos específicos são: (i) conceituar o fenômeno semântico de polissemia; (ii) analisar o que os documentos norteadores do ensino de Língua Portuguesa - mais especificamente a Base Nacional Curricular Comum (2016) e o Currículo Básico Comum de Minas Gerais (2014), propõem a respeito do ensino da polissemia no Ensino Fundamental II; (iii) observar o modo como esse fenômeno semântico é explorado no livro didático; e (iv) averiguar se há coerência entre o que é proposto pelos documentos oficiais e a maneira como a polissemia é abordada pelo livro didático. Para compor o *corpus* de análise, foi escolhido o livro da coleção *Português Linguagens*, escrito por William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, destinado a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Teoricamente, a pesquisa se baseia nos estudos de Cançado (2008), Perini (2005) e Pietroforte e Lopes (2002). Os resultados da investigação evidenciaram que a correspondência entre o que os documentos propõem que seja trabalhado sobre a polissemia no Ensino Fundamental e o que é efetivamente abordado pelo livro didático é apenas parcial. As divergências encontradas estão relacionadas principalmente aos gêneros textuais, posto que, ao abordarem o trabalho com a polissemia, os documentos indicam o estudo de gêneros que não são contemplados pelo material didático.

Palavras-chave:

Polissemia. Livro didático. Ensino Fundamental II.

1. Introdução

O presente trabalho buscou fazer uma investigação a respeito de como é tratada a polissemia no material didático do ano final do Ensino Fundamental. O livro escolhido para compor o *corpus* de análise pertence à coleção *Português Linguagens*, escrito por William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, destinado a alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. O livro foi escolhido por ser recomendado pelo Programa Na-

cional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação, e por ser adotado em diversas escolas públicas. A versão analisada é a mais recente, recomendada para os anos de 2017, 2018, 2019. Os pressupostos teóricos que fundamentam a investigação estão ancorados nos estudos de Cançado (2008), Perini (2005) e Pietroforte e Lopes (2002).

Objetiva-se observar a maneira como a polissemia é tratada no livro didático escolhido. Especificamente, pretende-se: (i) conceituar a polissemia dentre os tipos de ambiguidade, de acordo com as definições disponíveis no referencial teórico; (ii) analisar o que os documentos que norteiam o ensino de Língua Portuguesa (mais especificamente, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e o Currículo Básico Comum (CBC) do Estado de Minas Gerais) propõem a respeito do ensino da polissemia no Ensino Fundamental II; (iii) observar o modo como esse fenômeno semântico é explicado e explorado nos exercícios apresentados pelo livro didático escolhido e (iv) averiguar se há coerência entre o que é proposto pelos documentos e a maneira como a polissemia é abordada, na prática, pelo material.

2. Fundamentação teórica

O fenômeno da polissemia é parte importante das línguas humanas. Conforme Pietroforte e Lopes (2002, p. 132), “A linguagem humana é polissêmica, pois os signos, tendo um caráter arbitrário e ganhando seu valor nas relações com os outros signos, sofrem alterações de significado em cada contexto”. Também sobre a relevância desse recurso, Perini defende que a polissemia é

[...] uma propriedade fundamental das línguas humanas, que sem ela não poderiam funcionar eficientemente. Seria impraticável dar um nome separado a cada “coisa”, incluindo aquelas que nunca vimos. [...] A polissemia confere às línguas humanas a flexibilidade de que elas precisam para exprimirem todos os inumeráveis aspectos da realidade. Consequentemente, a maioria das palavras são polissêmicas em algum grau. (PERINI, 2005, p. 251)

Sendo assim, pode-se inferir que é errôneo interpretar a polissemia como uma “exceção” na língua, ou seja, como um fenômeno que ocorre em um reduzido número de palavras. Apesar disso, como afirma Perini, trata-se de um fenômeno gradual, o que quer dizer que algumas palavras se destacam por apresentarem um maior e mais perceptível nível de polissemia. A essas palavras, chamadas de polissêmicas.

A polissemia, assim como a homonímia, é tratada nos manuais de semântica como um tipo de ambiguidade. De forma geral, ambiguidade é quando, por alguma razão, a uma frase ou a uma palavra pode se atribuir mais de um sentido. Cançado (2008) lista diversos tipos de ambiguidade, como a lexical, a sintática, a de escopo, a semântica, a relacionada a papéis temáticos e ainda as que são construídas com gerúndios ou com preposições. A polissemia enquadra-se na ambiguidade lexical, que é o tipo de ambiguidade no qual o duplo sentido é construído no nível da palavra, do item lexical, independentemente de fatores como a organização da frase, por exemplo.

A polissemia, no entanto, não é o único tipo de ambiguidade lexical, há também outro fenômeno que se insere nessa categoria - a homonímia. Com relação à distinção entre elas, é possível afirmar a linha que separa os dois fenômenos semânticos é tênue. Perini, sobre essa questão, informa que “Esse é um dilema que até hoje não recebeu solução satisfatória. A saída tradicional envolve um conjunto heterogêneo de critérios” (PERINI, 2005, p. 250). Dentre esses critérios, estão o critério das classes de palavras e o critério da proximidade do sentido.

O critério que leva em consideração as classes de palavras, a que os termos pertencem, é bem claro, uma vez que, se uma palavra puder ser interpretada como pertencente ora a uma categoria gramatical, ora a outra, trata-se de um caso de homonímia. Para exemplificar, podemos pensar nas palavras “lava” (que pode ser substantivo se estiver se referindo ao magma, isto é, à lava dos vulcões, mas também pode ser uma o verbo “lavar” conjugado na terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo) e “verão” (que pode ser um substantivo quando se refere à estação do ano, mas também pode ser o verbo “ver” na terceira pessoa do plural do futuro do presente do modo indicativo).

Com relação ao sentido, Cançado afirma que “Palavras polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais.” (CANÇADO, 2008, p. 64). Isso significa as palavras cujos sentidos pertencerem a um mesmo campo semântico ou compartilhar nuances de sentido serão polissêmicas, já palavras cujos possíveis sentidos pertencerem a campos semânticos diferentes, isto é, quando os sentidos forem distantes, serão palavras homônimas.

Em casos como “balão”, se pensarmos em balão usado para decoração de festa infantil e em balão que sobe com ar quente para transportar

peçoas, trata-se de um caso de polissemia, pois, apesar de os objetos serem diferentes, seus sentidos têm relação entre si, pois o formato é parecido. Já no caso de “carteira”, se pensarmos na carteira onde se guarda dinheiro e na carteira onde se senta em uma escola, os sentidos são muito distantes, o que caracteriza um caso de homonímia. No entanto, essa definição é problemática, pois nem sempre a diferença é tão evidente. A esse respeito, Perini questiona: “[...] que fazer nos muitíssimos casos intermediários? Como distinguir com segurança uma diferença semântica ‘grande’ de uma ‘pequena’?” (PERINI, 2005, p. 251). Um caso dúbio é, por exemplo, o caso de “teto”, que tanto pode se referir a uma construção, como em “teto de uma casa” quanto pode se referir a um limite, no caso de “teto de gastos”. Entre os dois sentidos, há uma distância considerável, embora não se possa dizer que são totalmente desvinculados.

Tendo em vista essas considerações, concordamos com Cançado quando ela afirma que “[...] distinguir polissemia de homonímia não é uma tarefa banal.” (CANÇADO, 2008, p. 65). Apesar da dificuldade para delimitar essas fronteiras, diante da necessidade de identificar as ocorrências em que o material didático aborda o fenômeno da polissemia, utilizamos os critérios apresentados para excluir os outros casos de ambiguidade.

3. Metodologia

Para a consecução deste trabalho, recorreremos ao método de pesquisa documental, que nos permitiu proceder às análises de documentos (do BNCC ou do CBC) e também do livro didático. Quanto aos objetivos, elegemos a metodologia descritiva, uma vez que objetivamos fazer uma descrição da maneira como a polissemia era abordada no livro didático e, com relação à análise de dados, foi quali quantitativa, já que analisamos o fenômeno da polissemia em apenas um livro didático de português da coleção *Português Linguagens*, escrito por William Roberto Cejeira e Thereza Cochar Magalhães. A versão utilizada foi a 9ª edição, do ano de 2015.

4. Análise dos documentos

No Currículo Básico Comum de Língua Portuguesa do estado de Minas Gerais, o termo ‘polissemia’ quase não aparece, sendo mais frequente o emprego da expressão genérica ‘ambiguidade’. A questão da

ambiguidade é listada dentro do Eixo I – Produção e Compreensão de textos, no quarto item, que aborta “seleção lexical e efeitos de sentido” (CBC, 2014, p. 31). O documento aborda a questão da ambiguidade dentro do gênero notícia, pois, dentre os itens a serem observados durante o estudo desse gênero, enumera “Voz do verbo: Ativa e passiva; Ambiguidade de sentido; Pronomes oblíquos átonos como elemento coesivo; Adjetivo” (CBC, 2014, p. 72).

O CBC menciona também o uso da ambiguidade no contexto dos textos literários, como se pode ver no trecho: “[...] porque joga com a ambiguidade e com a subjetividade, a literatura estabelece um pacto específico de leitura, em que a materialidade da palavra se torna fonte virtual de sentidos: [...] a desconstrução da palavra, a reinvenção de sentidos” (CBC, 2014, p. 16). Além dessas ocorrências, o documento aborda a temática ao mencionar as competências que devem ser desenvolvidas no âmbito da produção de texto:

Como produtores, é imperioso que relacionemos ideias pertinentes e suficientes para a expressão do tema e que apontemos a relevância maior ou menor das informações de modo que o destinatário possa construir a coerência do texto. Mas também que brinquemos com as palavras e saibamos tirar partido da negociação dos sentidos – das ambiguidades, das metáforas, dos neologismos, de pressupostos e subentendidos. (CBC, 2014, p. 21)

A palavra ‘polissemia’, no entanto, é citada uma única vez, entre os conteúdos que o documento lista como aqueles que devem ser trabalhos no contexto do gênero propaganda, uma vez que, ao abordar esse gênero, cita “Polissemia e ambiguidade lexical, estrutural e contextual, metáforas, metonímias” (CBC, 2014, p. 78).

A Base Nacional Curricular Comum¹, por sua vez, diferentemente do CBC, ao abordar os conteúdos que devem ser trabalhados no 8º e no 9º anos do Ensino Fundamental, refere-se à ambiguidade nos textos multimodais, como é possível perceber no fragmento: “Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. – o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões, ou imagens ambíguas, de clichês” (BRASIL, p. 139).

⁸⁶ É pertinente esclarecer que a Base Nacional Comum Curricular, publicada em 2014, através da Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017, foi instituída pelo Presidente do Conselho Nacional de Educação. Segundo a resolução, as instituições e materiais didáticos já podem adequar-se às orientações da BNCC, uma vez que sua implementação total, de acordo com o documento, deve ser efetivada de modo preferencial até 2019 e obrigatoriamente até o início de 2020.

Por outro lado, assim como no CBC, o termo ‘polissemia’ só aparece uma vez, dentro do Eixo da Análise Linguística/Semiótica, na área de semântica, que apresenta como competências a serem desenvolvidas nessa etapa de escolaridade “Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia [...]” (BRASIL, 2017, p. 81).

É possível perceber, através da observação de como a questão da ambiguidade e da polissemia aparecem nesses documentos, que o trabalho com esses fenômenos linguísticos é importante para a compreensão dos efeitos de sentido e para capacitar os alunos a compreenderem o funcionamento desse recurso. Embora o termo ‘polissemia’ não seja recorrente na BNCC e no CBC, entende-se que esse fenômeno esteja englobado na expressão genérica ‘ambiguidade’, que é citada mais vezes, assim, pode-se concluir que é necessário que se aborde a polissemia em diversos gêneros, como em notícias, propagandas, tirinhas, charges e gêneros literários.

5. Análise do livro didático

O livro *Português Linguagens* – 9º ano do Ensino Fundamental não emprega, nem sequer uma vez, o termo ‘polissemia’. Isso não significa que esse fenômeno linguístico não tenha sido abordado, porém os autores optam por se referir a ele como ‘ambiguidade’.

A primeira abordagem da polissemia ocorre nos exercícios propostos na página 47, referentes à crônica apresentada nas páginas 45 e 46, como se observa nas figuras:

Perfis de redes sociais são retratos ideais de nós mesmos

Desde as priscas eras do Orkut, em minhas perambulações pelas redes sociais, noto do fenômeno. Entro no perfil de uma moça e começo a olhar suas fotos: encontro-a ali, ainda criança, vestida de odaliscanum Carnaval já amarelado do século 20, vejo com seu cachorro, numa praia, recentemente; com uma turma na piscina de um sítio, no final da adolescência; numa 3x4 com o namorado, espremida na mesma cabine, talvez numa viagem à Europa. [...]

(Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/1114664-perfis-de-redes-sociais-sao-retratos-ideais-de-nos-mesmos.shtml>. In: CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 45).

Figura 1 – Fragmento do texto da página 45.

2. No primeiro parágrafo, o narrador refere-se a uma foto de um “Carnaval já amarelado do século XX”. Qual é o sentido da palavra amarelado no contexto?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 47)

Figura 2 – Exercício da página 47

No caso, a questão proposta tem como foco o significado da palavra “amarelado”, que é uma palavra polissêmica. Embora seu sentido principal seja o sentido de “ser de cor amarela”, no contexto foi utilizada para qualificar o Carnaval do século passado, isto é, foi empregado com o sentido de algo antigo. É importante salientar que esses dois sentidos têm relação entre si, porque é possível inferir que o caráter de envelhecido envolve o amarelamento, uma vez que papéis, assim como fotografias, tornam-se amareladas com o passar do tempo.

Na segunda vez em que a polissemia aparece no livro didático, ela é abordada no gênero propaganda, mais especificamente em um anúncio de uma marca de azeite, como se pode observar a partir das figuras a seguir:



Figura 3 – Texto da página 54.

1. Na parte superior do anúncio, lemos o: “Já que não é certo beber durante as refeições, sirva pratos que já dão água na boca”.
- a) Qual relação existe entre a imagem do anúncio e esse enunciado?
- b) Explique o duplo sentido da expressão água na boca.

(CEREJA, MAGALHÃES, 2015, p. 4).

Figura 4– Exercício da página 54.

Na letra b) dessa questão, os autores apresentam um caso de expressão ambígua, que é “água na boca”, que, por um lado, pode ter o significado literal de levar água até a boca ou pode ter remeter à salivação. Nesse caso, o anúncio quis explorar essa dupla possibilidade de sentidos, sugerindo que o produto anunciado é gostoso o suficiente para que as pessoas salivem. Pode-se depreender que se trata de uma expressão polisêmica, uma vez que os dois sentidos são relacionados, pois fazem referência a líquidos.

A terceira vez em que o fenômeno linguístico da polissemia é trabalhado no livro envolve, mais uma vez, o gênero anúncio publicitário de um veículo.



Figura 5 – Texto da página 88.

[Na vida, você precisa de força para chegar cada vez mais longe. E de elegância, para chegar em grande estilo.]

4. O enunciado principal apresenta certa ambigüidade.
- a) Que sentido tem o enunciado, se não levamos em conta a imagem do anúncio?
 - b) Que novo sentido passa a ter o anúncio quando cruzamos a linguagem verbal com a linguagem não verbal?
 - c) Além do argumento da força do produto anunciado, que outros argumentos são utilizados para convencer o consumidor a adquirir o produto?

(CEREJA: MAGALHÃES. 2015. d. 89)

Figura 6– Exercício da página 89.

Nesse caso, a ambigüidade encontra-se na expressão “chegar cada vez mais longe”, pois o verbo “chegar” tem mais de um sentido. O usual, o sentido normalmente atribuído para esse verbo nessa expressão, alcançar objetivos cada vez mais altos, o que remete à ideia de progresso e de superação, de forma ampla. No entanto, ao analisar a linguagem não-verbal do anúncio publicitário, a imagem do carro nos remete ao sentido geográfico de atingir, como atingir um destino pretendido, um ponto no espaço. É possível depreender que se trata de uma polissemia devido ao fato de que os dois sentidos de certa forma são próximos, uma vez que ambos remetem ao sentido de alcançar/atingir, a diferença é apenas que um dos sentidos é restrito a questão de localização, ao aspecto geográfico, e o outro é mais amplo, sendo utilizado em outros contextos, como nas expressões “chegar ao topo da carreira”, “chegar à meta de peso pretendida”, entre outros.

Prosseguindo, na página 104, há uma piada que brinca com os sentidos das expressões ‘idioma’ e ‘língua’, como se observa na figura:

– O idioma francês é o mais interessante e útil – dizia uma.
A outra:
Qual nada, acho que é o idioma inglês.
Uma outra:
– Mas que vem a ser idioma?
– Idioma quer dizer língua.
– É?! Então fiquem sabendo que eu gosto muito é de idioma de vaca com batatas.(BUCHWEITZ, Donald, (Org.)*Piadas para você morrer de rir*. Belo Horizonte: Leitura, 2001, p. 180.

Figura 7 – Texto da página 104.

1. Observe o emprego da palavra **idioma** na anedota.
a) O significado dado a essa palavra no 6º parágrafo é aplicável a quais ocorrências dela no texto? Por quê?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 104, grifo no original).

Figura 8 – Exercício da página 104.

O humor da piada é gerado pelo fato de a palavra ‘língua’ ser polissemica, podendo ter o sentido de língua como parte do corpo ou de língua como idioma (é possível afirmar que se trata de polissemia pelo fato de os dois sentidos estarem, em alguma medida, relacionados, é através da língua/corpo que se fala a língua/idioma). A personagem que faz um uso inadequado da palavra ‘idioma’, porém, não percebe que esta palavra não apresenta a mesma propriedade polissemica que ‘língua’.

Posteriormente, a polissemia é trabalhada mais uma vez dentro do gênero crônica, como se pode observar:

Psicopata no trânsito

[...] -É isso aí – e David o olhou, penalizado – Estou pensando também no senhor, se aborrecendo por minha causa, perdendo tempo comigo numa noite de sábado, vai ver até que estava de folga hoje...

-Pois então? – reanimado, o guarda farejou um entendimento: - Se o senhor quisesse, a gente podia dar um jeito... O senhor sabe, com boa vontade, tudo se arranja.

(SABINO, Fernando. *A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 94
In: CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 205)

Figura 9– Fragmento do texto da página 205.

2. No trecho “o guarda farejou um entendimento”, foi empregado o verbo **farejar**.

- a) A quem normalmente esse verbo é atribuído.
b) Por que, nesse trecho, o verbo é atribuído ao policial?

(CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 207)

Figura 10– Exercício da página 207.

Nesse caso, a questão aborda dois sentidos do verbo “farejar”. Na letra a), a pergunta remete a cachorro, que é o ser a quem esse verbo é

usualmente atribuído. Associado a cachorro, o sentido desse verbo é o de cheirar, remete ao olfato. Contudo, a letra b) chama a atenção para o fato de que esse verbo, no texto, foi atribuído ao guarda, o que dá ao verbo a um novo sentido, uma vez que, no contexto, o policial não estava “cheirando um entendimento”, mas sim estava procurando, estava buscando um consenso. Apesar da aparente distância entre esses sentidos, é válido postular a existência de uma relação polissêmica porque o cachorro, ao farejar, emprega o olfato com o objetivo de procurar algo. Logo, no sentido em que aparece no texto, apesar de dar mais a ideia de cheirar, o verbo farejar remete também a uma busca, então os significados são, em certa medida, próximos.

A última vez em que a polissemia é abordada é, outra vez, no gênero crônica, conforme demonstram as figuras:

No trânsito, a ciranda das crianças

[...] As crianças executam uma ciranda em meio aos carros, correndo agarradas às caixinhas. Os que se aproximam, dentro dos veículos, mantêm os vidros fechados. Defesa paulistana. O vidro fechado isola o motorista do mundo.

(BRANDÃO, Ignácio de Loyola, *Calçinhas Secretas*. São Paulo: Ática, 203, p. 76-78 In: CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 245)

Figura 11– Fragmento do texto da página 245.

8. A palavra **ciranda** tem mais de um sentido. Veja alguns deles:
Ciranda: movimentação, agitação, roda, dança de roda infantil.
 a) Que sentido essa palavra assume no título quando se considera o trabalho cotidiano e incansável das crianças?

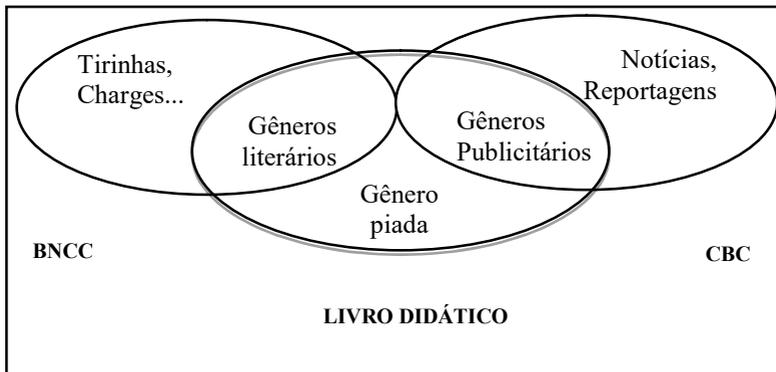
(CEREJA; MAGALHÃES, 2015, p. 247, grifo no original)

Figura 12– Exercício da página 247,

A partir desse exercício, os autores propõem que os alunos reflitam sobre os diferentes sentidos que podem ser atribuídos à palavra “ciranda”. No contexto da crônica, que aborda a realidade do trabalho infantil, essa palavra ganha um tom irônico, pois, em vez de significar uma brincadeira, uma dança de roda, na verdade remete à agitação da rotina de trabalho das crianças. No entanto, é possível verificar que há uma relação, uma vez que ambos os sentidos estão relacionados à movimentação.

Diante dessas ocorrências de exercícios sobre polissemia, uma análise qualitativa sobre os gêneros abordados no CBC e na BNCC pode ser evidenciada através do diagrama a seguir:

Gêneros dos documentos X Gêneros do livro didático



Fonte: Elaborado pelas autoras.

É possível constatar, portanto, que houve uma correspondência parcial entre os gêneros abordados pelos documentos e os gêneros do livro didático, uma vez que o livro didático aborda os gêneros literários (o que condiz com o que é proposto pelo BNCC) e gêneros publicitários (o que é compatível com o que é sugerido pelo CBC) e ainda um gênero que não é citado em nenhum dos documentos, que é a piada. Por outro lado, deixa de trabalhar gêneros multissemióticos como tirinhas e charges (que são recomendados pela BNCC) e também gêneros jornalísticos como notícias e reportagens (que são mencionados pelo CBC como relevantes no ensino da polissemia).

Uma análise quantitativa, por outro lado, permite que classifiquemos os exercícios que abordam o fenômeno da polissemia nos três gêneros que apareceram no livro didático, que são a crônica (gênero literário), a propaganda (gênero publicitário) e a piada, conforme o gráfico a seguir:

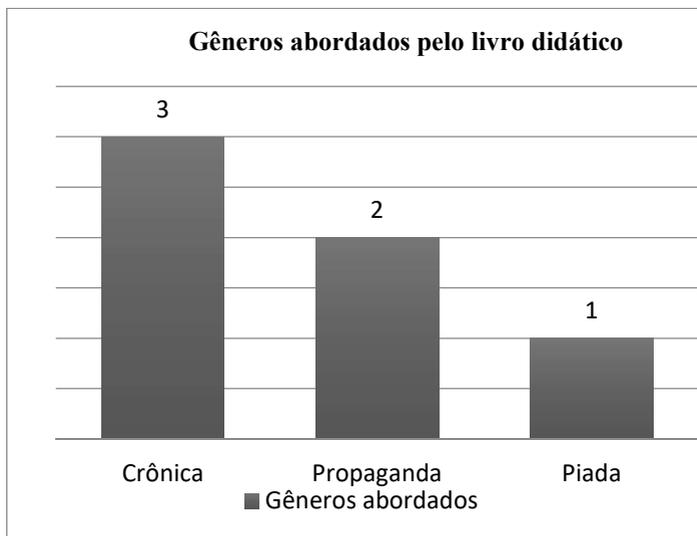


Figura 14:Gráfico da distribuição dos exercícios de polissemia por gênero no livro didático.**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Houve, ao longo de todo o livro didático, apenas seis casos que envolviam palavras polissêmicas. Metade deles foi explorada em textos pertencentes ao gênero “crônica”. O segundo gênero mais abordado foi a propaganda, trabalhada em dois momentos, e por último, fica a piada, trabalhada apenas uma única vez.

Percebe-se, dessa forma, relativa diversidade de abordagens, visto que o fenômeno semântico da polissemia foi trabalhado em gêneros diversos. A análise permitiu observar que o livro privilegiou o uso da polissemia em um gênero literário recorrente, que é a crônica; também foi abordado o duplo sentido que a polissemia pode gerar para criar surpresas em um gênero publicitário, que é propaganda; e foi explorada também a possibilidade que a polissemia tem de constituir elemento gerador de humor, o que é constatável através do gênero piada.

6. Considerações finais

De modo geral, constatou-se que a polissemia ficou ofuscada no livro, levando-se em conta que só abordou o tema em apenas seis exercí-

cios. Poderiam ter sido levantados mais debates sobre o assunto, uma vez que os textos do livro didático permitiam outras abordagens.

A escolha dos autores por não utilizar a expressão ‘polissemia’ é compreensível, uma vez que se trata de um termo específico da ciência linguística que não necessariamente deveria ser apresentado a alunos na faixa etária do 9º ano, pois, ao estudar a língua, a preocupação maior não deve ser com a metalinguagem.

A respeito da maneira como a polissemia foi trabalhada ao longo do livro, os exemplos escolhidos para serem abordados são interessantes e promovem a reflexão sobre a língua. As questões propostas são bem formuladas e se baseiam no texto, o que é positivo por se tratar de uma atividade que aborda a linguagem de forma contextualizada, que reflete o uso real da língua e não em frases soltas e construídas artificialmente com um fim didático.

Um aspecto importante a ser considerado é o fato de o livro não dedicar espaço para a conceituar ambiguidade ou discutir/problematizar esse fenômeno, os exercícios são propostos sem uma explicação teórica. No entanto, supomos que isso se deva ao fato de ter havido uma explicação nos livros didáticos da coleção *Português Linguagens* destinados aos anos escolares que antecedem o 9º ano. No entanto, a discussão do conceito poderia ter sido retomada, uma vez que talvez haja alunos que estudem com o livro “Português Linguagens” no 9º ano, mas que tenham estudado com outros livros didáticos em anos anteriores e não estejam familiarizados com a definição de ambiguidade.

Além disso, a análise do livro didático evidenciou que, apesar de terem sido abordados alguns gêneros recomendados pelo CBC e pela BNCC, outros gêneros citados por esses documentos foram deixados de lado. Considerando que cada gênero textual apresenta suas particularidades, o ideal seria o trabalho com a maior diversidade possível de textos.

Dessa forma, teria sido mais proveitoso se o livro tivesse apresentado a forma como esse fenômeno linguístico ocorre também na notícia e em tirinhas/charges, propondo exercícios que incitem a reflexão sobre os efeitos de sentido que são evocados em cada ocorrência, principalmente levando-se em consideração a frequência com que esses gêneros aparecem no cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: jul. 2018.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*, 8ª série. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

MINAS GERAIS. SEE. *Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa – anos finais*, SEED/MG., 2014. Disponível em: <<https://www.trescoracoes.mg.gov.br/docs/seduc/cbc-anos-finais-lingua-portuguesa.pdf>> Acesso em: Acesso em: 07 de julho de 2018.

PERINI, Mário Alberto. *A gramática descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 2005.

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim.; LOPES, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José. Luís. (Org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.